

PERNAMBUCO



HALLINA BELI RAO

AUTORES E EDITORES
ANALISAM A
IMPORTÂNCIA DO
GÊNERO ROMANCE
NO MERCADO

Esta é a capa do romance do século

GALERIA HELIA SCHEPPA

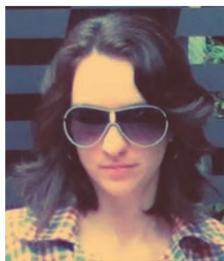
Fotógrafa do *Jornal do Commercio*.
<http://www.flickr.com/heliascheppa>



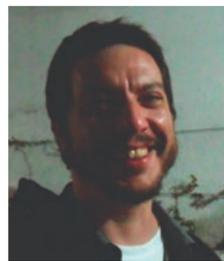
COLABORADORES



Carlos Henrique Schroeder é autor de *Ensaio do vazio* (adaptado para os quadrinhos) e de *As certezas e as palavras* (Prêmio Clarice Lispector 2010 da Biblioteca Nacional).



Carol Almeida, jornalista e mestra em comunicação pela UFPE. Trabalha como repórter da Editora Globo, em São Paulo.



Ronaldo Bressane é escritor, jornalista e autor do blog *impostor*. wordpress.com

E MAIS

Hallina Beltrão, mestre em Design Gráfico Editorial na Elisava (Barcelona). **Lucila Nogueira**, escritora e professora do Departamento de Letras da UFPE. **Luís Henrique Pellanda**, jornalista e autor de, entre outros, *Nós passaremos em branco*. **Mariângela Haddad**, escritora e ilustradora mineira. **Paulo Gustavo**, escritor e presidente da Editora Massangana, da Fundaj. **Thiago Corrêa**, jornalista, escritor e faz parte do coletivo Vacatussa vacatussa.com.

CARTA DO EDITOR

A vida é mesmo repleta de ironias. Um dos nossos melhores romancistas, Fernando Monteiro, há alguns anos decidiu deixar de lado a instituição romance e publicar apenas poemas. No último *Festival de Literatura do Recife – A Letra e a Voz*, ele foi categórico em criticar o status que o gênero supostamente teria em relação a outros formatos literários, como o conto. Sua posição combativa foi nossa inspiração para a matéria de capa, escrita pela jornalista Carol Almeida, que polemiza o lugar que o romance ocupa no mercado editorial.

“Houve uma assimilação da literatura ao mundo pop rock. O escritor hoje tem que ter grandes audiências, tem que ser bonito e, sobretudo, jovem. O que é curiosamente um antímodo do que sempre existiu na literatura, quando os escritores eram mais valorizados na velhice”, alfinetou Fernando Monteiro, que faz questão de dizer que o romance é o “pop rock da literatura”. A matéria de Carol Almeida conversa ainda com editores e acadêmicos em busca de respostas e, claro, de novas perguntas sobre a questão. É um texto para pensarmos o quanto, apesar de tanta conversa sobre

fragmentação de gêneros, ainda somos conservadores em relação a formatos.

A edição de outubro do **Pernambuco** se presta a revirar memórias. De um lado temos o poeta Austro-Costa, que resolveu tomar para si a *persona* de um “dândi”, um “dândi” sob o céu do Recife, que morreu “por delicadeza”; e do escritor Philip K. Dick, o homem que criou algumas das mais turbulentas visões do que pode ser o futuro.

Um dos destaques desse mês é a seção *Inéditos*, que chega em versão especial, com a tradução que a poeta Lucila Nogueira fez de alguns dos principais textos de Alejandra Pizarnik. Um dos principais nomes da poesia argentina do século 20 é lembrada em 2012 pelos seus 40 anos de morte. Como não é fácil encontrar nas livrarias brasileiras os poemas de Pizarnik, o trabalho de Lucila é um ótimo cartão de visitas. Vale conferir ainda a entrevista que José Eduardo Agualusa concedeu sobre o seu novo romance, *Teoria geral do esquecimento*. Agualusa é um dos convidados da Fliporto deste ano.

Boa leitura e até novembro.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Carlos Eduardo Amaral (interino), Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

O controle total na criação de um mundo

Vencedora do *Concurso de Literatura Infantil da Cepe*, ilustradora mineira lembra como sentiu necessidade de também escolher as palavras que povoam seu universo

DIVULGAÇÃO



Mariângela Haddad

Sou ilustradora de livros infantis desde sempre e, como escritora, tive dois livros premiados em significativos concursos de literatura infantil e juvenil: *O sumiço da pantufa*, no 5º *Barco a Vapor*, em 2009, organizado pela Fundação SM, e *O mar de Fiote*, no II *Concurso CEPE*, em 2011. Depois de anos, minha carreira tomou rumos insuspeitados e bem-vindos. Essas artes – a escrita e a ilustração – se complementam e me permitem projetos literários com certa autonomia.

Ser apenas ilustradora geralmente significa estar atrelada aos humores de editores e escritores. Não ter um texto próprio me colocava na dependência de textos alheios e no ritmo da produção das editoras. Isso significava tanto períodos sobrecarregados e estressantes (é difícil um ilustrador recusar trabalho), madrugadas não dormidas, isolamento quase total, quanto períodos muito longos de calma absoluta, só fazendo contatos, esperando. Para alguém que, como eu, sempre achou que o trabalho em curso é o último de sua carreira, essa situação não era muito confortável. Junte-se a isso a vontade de ilustrar para a Editora SM e o fato de a Fundação SM promover anualmente um concurso de... literatura infantil! Tentei convencer amigos escritores a participar e depois me convidar para ilustrar o livro vencedor. Em vão. Acabei percebendo que o caso seria resolvido por mim mesma. Ou não, já que minha escrita se limitava a mal traçadas linhas para a família.

Estava num daqueles períodos de nada-pra-fazer. Aproveitava essa folga para devorar livros policiais. E via minha caixa de e-mails se enchendo com mensagens sobre o prazo final das inscrições para o *Barco a Vapor*... Sou nadadora. Isso não tem nada a ver com barcos a vapor, só agora me dou conta dessa coincidência. Pulei na piscina e decidi só sair da água com um roteiro, alinhavado pelo menos, na cabeça. Sabia que seria um policial infantil. Como leitora, gostaria de desvendar algum caso misterioso a partir, apenas, de depoimentos das testemunhas. Nadei matutando (e quase me afogando) durante mais de duas horas. Rabisquei as partes principais do quebra-cabeça ainda no vestiário, para não perder a relação entre elas. Em casa, digitei furiosamente até as 7 horas da manhã seguinte. É claro que, durante a escrita, muita coisa tomou outro rumo. Essa conversa de que persona-

gens têm vida própria é clichê, e é verdade. Além disso, a arquiteta que sou cismou de dar o mesmo espaço, o mesmo número de toques, para cada personagem, para não prejudicar nenhum suspeito. E a ilustradora que sempre serei já pensava no projeto gráfico e na dificuldade de ilustrar sem revelar antecipadamente o culpado pelo sumiço da pantufa. Posso garantir que essas minhas facetas brigaram bastante entre si naquela madrugada, e a ilustradora foi nocauteada – muito tempo depois, não tinha ainda a menor ideia de como faria as tais “ilustrações que não podiam ilustrar”.

Depois do sucesso de *O sumiço da pantufa* no *Barco a Vapor*, esse concurso passou a ser motivo para eu tentar ter pelo menos um original inédito por ano. E depois resolver o que fazer com ele. Com planejamento, escrever seria suave, nada ficaria para a data-limite. Não foi bem assim. Segundo Henfil, “a inspiração é um cachorro preto, um *dobermann*, bem aí atrás de você”. Sei disso, produzo ótimas ilustrações sob pressão. E com a literatura não foi diferente, estou sempre entre os inscritos de última hora nos concursos. Mas, por não me considerar uma escritora de carteirinha, não me sinto na obrigação de escrever constantemente. Registro minhas ideias em cadernos sem pauta e arquivos de computador, e as deixo maturando à vontade. Gastam o tempo que precisam. Coloco um distanciamento entre nós. Quando ataca, o cachorro preto me faz passar para o papel histórias que, imagino, não aguentam mais ficar armazenadas lá onde se encontram. Por isso, nascem de supetão e me obrigam a escrevê-las compulsivamente.

Foi assim com *O mar de Fiote*, escrito no barro seco da minha infância sem mar. Tive uma casa com um terreirão poeirento e uma caverna. Tive um vizinho amedrontador que atirava com espingarda de chumbinho nas crianças que ousavam roubar suas mangas. Algumas noites, sabe-se lá por quê, ele, generosamente, convidava todo mundo para assistir a programas – e chuviscos – na sua cobijada televisão em preto e branco. Nunca entendi Seu Joaquim Ubaldo. Sentia um medo danado dele. Sei que, no amontoado de lembranças que venho carregando, ele é personagem presente. Tem jeito de guardar uma história como essa só para si? Esse cenário tornou-se o pano de fundo para a descoberta da amizade entre Fiote e seu vizinho. E *O mar de Fiote* foi escrito em 50 anos e dez dias.

CARTUNS

ORLANDO PEDROSO
[HTTP://WWW.ORLANDOPEDROSO.COM.BR/](http://www.orlandopedroso.com.br/)



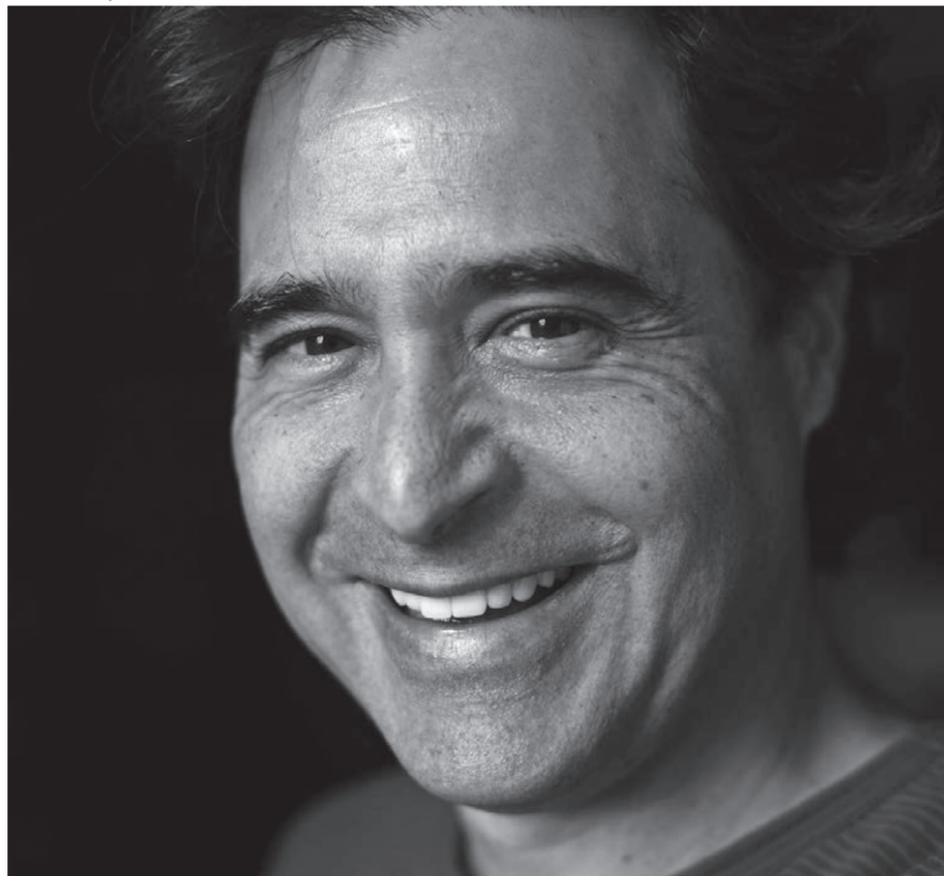
ENTREVISTA

José Eduardo Agualusa

Pelo sonho de escrever um romance traduzido

Convidado da Fliporto 2012, escritor angolano, em seu novo romance, *Teoria geral do esquecimento*, comenta a importância da memória, tema frequente em sua literatura

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a Luís Henrique Pellanda

Ludo foi, desde sempre, uma portuguesa introvertida. Já no primeiro parágrafo de *Teoria geral do esquecimento*, novo romance do angolano José Eduardo Agualusa (que a Foz lança no Brasil em novembro), o narrador nos chama a atenção para um trauma em seu passado de menina. Um incidente misterioso que a condena a uma solidão quase definitiva. Ainda moça, contra a vontade, Ludo se vê obrigada a viver com a irmã e o cunhado em Angola, país que não aprecia nem respeita. Lá, em 1975, o destino se mostra ainda mais caprichoso. Durante os conflitos da independência, após o sumiço do arremedo de família que lhe coube,

a moça, assustada com a violência dos acontecimentos políticos, decide se emparedar no apartamento vazio. Na rua, a vida continua, as décadas escoam. Luanda e vários outros personagens do romance passam por transformações extremas. Ludo espera, envelhece, alimenta um diário e observa o mundo girar a partir do seu terraço. Mas tudo o que deseja é esquecer e ser esquecida.

É sobre memória que Agualusa fala na entrevista abaixo. Mas também sobre colonialismo, João Cabral, Chico Buarque, telenovelas brasileiras, osgas, política e kuduro. Diretamente de Lisboa, o autor comemora o intercâmbio cultural crescente entre África e Brasil e revela o que gostaria de ver – e ler – quando olha para o céu português.

Uma das frases que mais chama a atenção do leitor de *Teoria geral do esquecimento* é esta: “Um homem com uma história é quase um rei”. Quantas histórias você tem?

Cresci num ambiente em que ter uma boa história para contar era importante. Mais tarde compreendi que saber contar é ainda mais importante. Naquela época, ao menos entre as crianças, era realmente assim. O rei era aquele que tinha as melhores histórias. Talvez porque no Huambo, nos anos 60, ainda não tivéssemos televisão. Desde então eu recolho histórias, e depois reinvento-as. Ou reinvento-as com tanta convicção que me convenço de que realmente as recolhi algures.

Um de seus personagens, Monte, ao integrar um grupo de teatro amador no Huambo, compreende as injustiças do sistema colonial a partir da obra de João Cabral e Chico Buarque – no caso, a canção *Funeral de um lavrador*. Isso – essa influência do poeta e do músico em seu modo de pensar a política angolana – é algo que aconteceu também com você?

Sim, assistindo à montagem dessa peça. Minha mãe era professora de português no Liceu do Huambo. Ela gostava muito de teatro e ajudou a fundar um grupo, com estudantes, alguns dos quais politicamente empenhados. Uma das peças que encenaram foi *Morte e vida severina*. Assistir à montagem da peça impressionou-me muitíssimo. Foi um deslumbramento e ao mesmo tempo uma revelação. De repente eu comecei a olhar para o que estava ao meu redor – e a ver! A injustiça colonial era uma evidência, mas eu não a via.

Num trecho de seu romance, o poeta Vitorino Falcão diz: “Nós somos o coro grego. A voz da consciência nacional. Estamos aqui, na penumbra, comentando o progresso da tragédia. Lançando alertas que ninguém escuta”. No Brasil, tornou-se comum discutirmos a influência que pode ter um livro, um autor, ou um

“ Os livros não são granadas. São mais como vagalumes perdidos na noite, mas ainda assim iluminam a escuridão

romance na vida prática de cada indivíduo, ou mesmo no destino da nação. Em Angola, um livro consegue interferir politicamente ou apenas acompanha e comenta os acontecimentos? O que você pretende ao escrever sobre a história recente de seu país? Gosto de pensar que sim, que os livros ainda têm o poder de produzir debate, e que são, portanto, transformadores. Os bons livros são sempre revolucionários porque nos confrontam com as nossas certezas, nos fazem pensar. Em Angola os livros chegam a uma percentagem ínfima da população – como, aliás, no Brasil. Embora os políticos leiam pouco, algumas das pessoas a quem esses livros chegam ocupam cargos de responsabilidade. Talvez os meus livros possam incomodá-los. Espero que sim. Por outro lado, são lidos por jovens, sei isso porque recebo mensagens de alguns, e nesse pequeno meio provocam debate. Os livros não são granadas, claro, são mais como vagalumes perdidos na noite, mas ainda assim iluminam a escuridão.

Em outro trecho do livro, Monte sofre um acidente envolvendo uma antena parabólica. A antena permitiria que sua mulher, desligada das questões políticas, assistisse às telenovelas brasileiras de que tanto gostava. Durante todos esses anos de conflito em Angola, que papel desempenharam essas

produções da TV brasileira? O que representavam para o povo angolano?

Creio que eram como janelas abertas para um mundo muito próximo do nosso e, no entanto, tão diferente. Acredito que as novelas possam ter contribuído um pouquinho para algumas mudanças de mentalidade. A sociedade angolana consegue ser ao mesmo tempo muito conservadora e bastante liberal, sobretudo em comparação com outros países africanos. Talvez as novelas tenham ajudado a manter uma certa abertura, num período de retraimento. Digo isto, ouvindo as correntes mais conservadoras da sociedade angolana a criticarem as novelas brasileiras por corromperem a moral da juventude etc. Aquilo a que os fascistas chamam corrupção quase sempre é revolução. Parece-me um tema a merecer um estudo mais cuidadoso.

O Brasil parece pouco pensar em Angola, embora nossa música e um escritor como Jorge Amado sejam muito queridos por lá. Lendo o seu romance, vejo que os personagens Baiacu e Diogo fascinavam os estrangeiros, na rua, com apresentações de kuduro, ritmo que só muito recentemente chegou aos brasileiros – hoje já é até tema de abertura da novela *Avenida Brasil*. Você acha que isso é um sinal de mudança, que o intercâmbio cultural entre nossos países pode estar aumentando?

Sim, com toda a certeza. Estamos a viver um extraordinário momento de viragem. As novas tecnologias vêm democratizando também as relações culturais entre os diferentes países. A lusofonia – palavra horrível – é hoje horizontal. Curiosamente, a literatura até tem feito mais do que a música nesse movimento de reaproximação e reconciliação do Brasil com a África. Nesse processo de redescoberta. Há dez anos não havia escritores africanos presentes nas livrarias brasileiras. Muito menos nos eventos culturais. Hoje, é raro o festival de literatura, a feira do livro, que não tenha, entre os convidados, escritores africanos. Isso acontece porque existe uma demanda, uma curiosidade, e o mercado vai ao encontro dela.

Num diálogo entre Ludo e Carrasco, ela diz que devemos praticar o esquecimento; já ele crê que esquecer é o mesmo que morrer, que render-se. De que lado você fica?

Estou entre os que preferem lembrar. Respeito, contudo, os argumentos daqueles intelectuais, como o Mia Couto, meu amigo, que defendem as virtudes do esquecimento em países como os nossos, saídos de prolongadas guerras civis, e nos quais, ao menos nas zonas rurais, predomina a convicção de que a recordação pode acordar nas pessoas os espíritos do mal. Acredito no contrário: que é preciso discutir para compreender e pôr em

“ As osgas não cantam para toda a gente. Cantam para quem merece. Eu ainda espero que um dia cantem para mim

Já o ouvi confessar que é um homem muito esquecido, e que escreve diários para que a realidade não lhe escape. Esquecer-se é algo comum no seu dia a dia? Quando você consulta seu diário, redescobre algumas histórias como se fossem novas, ou mesmo invenções ficcionais? E, mais importante, você acredita em tudo que escreveu em seu próprio diário?

Sim, infelizmente. Por outro lado, talvez o esquecimento favoreça a imaginação. Tendo a preencher os espaços vazios com a ficção. Leio o meu diário muitas vezes com o sentimento de que estou entrando numa casa alheia. Já não me reconheço em muitos daqueles episódios. Encontro algumas ideias boas, que reaproveito, como se as estivesse a roubar de outra pessoa.

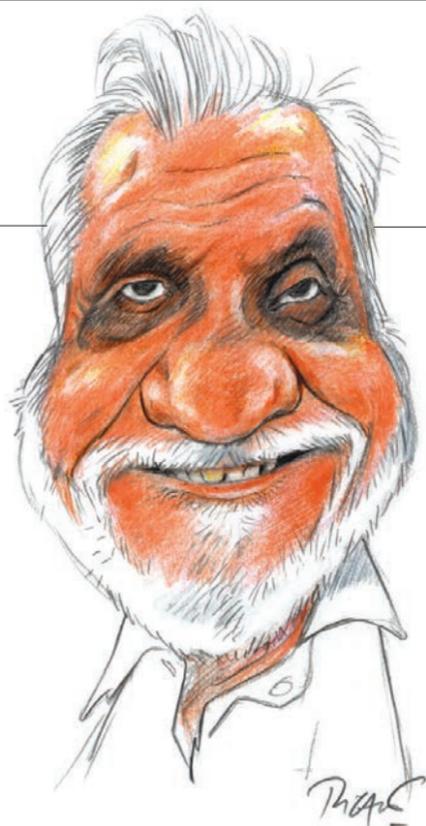
Você morou no Recife no final da década de 1990. A cidade, de alguma forma, o fazia lembrar de Angola? Como ela o influenciou como autor? Olinda, sobretudo, me fazia lembrar alguns bairros antigos de Luanda. Me fazia lembrar Benguela, a cidade mulata. Continuo amando muito Olinda, os seus quintalões, as suas varandas. Aquilo é uma elegia do esquecimento. Olinda está na *Nação Crioula* e está também, e muito, muito mesmo, em *Milagrário pessoal*.

A que se deve a ligeira aparição de uma osga na cena em que Jeremias Carrasco “ressuscita” após o fracasso de seu fuzilamento? Você

pretendia criar aí uma ponte referencial que ligasse este seu romance a *O vendedor de passados* (que tem uma osga entre seus protagonistas)?

Nem pensei nisso. Simplesmente, as osgas estão por toda a parte, em Angola. Habitam com as pessoas. Tenho uma enorme simpatia pelas osgas. Na minha casa, em Lisboa, vive uma osga que todas as noites, se eu estiver acordado, me vem cumprimentar às duas da manhã. Uma ocasião, uma senhora angolana veio ter comigo, numa feira do livro, para me dizer que na casa dela vive uma osga que canta. Não me surpreende. O que acontece é que as osgas não cantam para toda a gente. Cantam para quem merece. Eu ainda espero que um dia cantem para mim.

O narrador de *Teoria geral do esquecimento* diz: “As pessoas não veem nas nuvens o desenho que elas têm, que não é nenhum, ou que são todos, pois a cada momento se altera. Veem aquilo por que seu coração anseia”. Olhando para o céu ultimamente, o que você tem visto nas nuvens? Estou em Lisboa desde há alguns dias. E nestes últimos dias não tem havido nuvens no céu. Um calor africano. Dias e noites que não terminam nunca. Da próxima vez que vir nuvens no céu vou pensar nessa questão. Pode ser que veja nelas o meu próximo romance. Gostaria de escrever um romance inteiramente traduzido das nuvens.



Raimundo CARRERO

Vila-Matas sacrifica todo estranhamento

Escritor espanhol ironiza teorias do romance, mas prefere dizer a narrar

A minha primeira reação foi a de apontar equívocos na narrativa de Vila-Matas, mas desisti para não bancar o crítico ranzinza e chato. Afinal, sou apenas um criador, que às vezes se passa por crítico. Não devo pensar que os outros devam seguir as minhas preocupações de ficcionista. Mas são ensinamentos que aprendi em muitos anos de estudo com os clássicos. Aprendi, por exemplo, a separar narrador do relator – este ser ficcional que se confunde com o leitor e, não raras vezes com o narrador onisciente, quando interfere no texto, desanda a dar opinião, e interfere muito.

Renunciei ao meu desejo, ao perceber que, embora seja um bom relator, Vila-Matas conduz o texto com frases e personagens bem elaborados, elegantes, objetivos, mas lhe falta o mistério, o estranhamento que torna a ficção intrigante. Tem todas as qualidades de um grande escritor, sem dúvida. Causa paixão e envolvimento, mesmo quando apenas diz o que tem de dizer, e não deixa nada para o leitor. Está aí o problema do relator, entregar o texto, mesmo que belo e notável, pronto demais. É preciso que o narrador contemporâneo seja “astuto, calculista e embusteiro”, conforme a classificação de Mário Vargas Llosa. Deve sempre seduzir ou enfeitiçar o leitor. O melhor exemplo brasileiro disso é ainda, sem dúvida, o *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Bentinho tem essas qualidades fascinantes para um personagem-narrador. Logo no princípio do romance ele se mostra um mentiroso pela ação, e não pelo relato puro e simples. Machado de Assis não diz, mostra, e o resto fica por conta do leitor. Assim:

“Uma noite dessas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem tão maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue - disse eu acordando.
- Já acabei - murmurou ele.
- São muito bonitos.”

Típico narrador “astuto, calculista e embusteiro”. Mente descaradamente. Primeiro porque engana o próprio leitor ao dizer “pode ser que não fossem tão maus.” Eram ruins, ou podiam ser consertados por um bom poeta? E seria Bentinho um bom poeta? Sequer um crítico? E depois porque fica claro que não prestavam mesmo. Ele não diz que não prestam e prepara uma frase longa, indecisa, confusa. Mas calcula a resposta para depois mentir enfaticamente: “são muito bonitos.” Mente duplamente, para o leitor e para o personagem. Portanto, um narrador que procura envolver e enganar, seduzir e enfeitiçar. Diferente do relator, em Vila-Matas, que apresenta logo

JANIO SANTOS



todas as armas, sem sinuosidades, sem astúcia, sem cálculo, vai direto ao objeto, realizando um perfeito perfil psicológico do protagonista:

“Pertence à estirpe cada vez mais rara dos editores cultos, literários. E comovido assiste, todos os dias, ao espetáculo de como o ramo nobre do seu ofício – os editores que ainda leem e que sempre foram atraídos pela literatura – vai se extinguindo sigilosamente, no começo deste século. Teve problemas há dois anos, mas soube fechar a tempo a editora, que no fim das contas, mesmo tendo obtido um notável prestígio, caminhava com assombrosa obstinação para a falência” (...) “Samuel Riba – Riba para todo mundo – publicou muitos dos grandes escritores de sua época. De alguns, apenas um livro, mas o suficiente para que estes constem do seu catálogo.”

Mas o escritor espanhol deve rir de tudo isso. Neste mesmo *Dublinesca* ele ironiza uma teoria geral do romance do futuro, formulada por Julien Gracq, que estabelece cinco regras básicas para a prosa de ficção: 1) intertextualidade; 2) conexões com a alta poesia; 3) consciência de uma paisagem moral em ruínas; 4) ligeira superioridade do estilo sobre a trama; e 5) a escrita vista como um relógio que avança.

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

ROMANCE

Romance de época de Luzilá Gonçalves mescla personagens fictícios com reais, como o Padre Carapuceiro

O romance *Illuminata*, de Luzilá Gonçalves Ferreira (foto) lançado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, passa-se no século 19, uma época supostamente romântica mas na verdade atribulada, principalmente para as mulheres. Usando o recurso do manuscrito encontrado numa gaveta, escrito por sua mãe, a autora desvenda a vida interior de *Illuminata*, uma mulher

culta e sensível, casada com um homem rico mas ignorante. Ela convive com personagens reais, como o poeta Maciel Monteiro, o Padre Carapuceiro e o engenheiro francês Louis Léger Vauthier (criador do Teatro de Santa Isabel) e com outros fictícios como Antonio Peregrino, que lhe faz a corte. Passará a gentil senhora sobre os rígidos preceitos morais da época e sucumbirá ao adultério?

FOTO: TIAGO BARRIOS





Mais adiante, continua o narrador: “que grande perda de tempo, pensou Riba, filiar-se a uma teoria para escrever romance. Agora ele podia dizer isso com conhecimento de causa, porque acabara de escrever uma.” Mesmo assim não se defende aqui uma teoria da prosa, mas estudam-se as suas possibilidades e examinam-se os elementos internos, conforme expressão grafada pelo Formalismo Russo, sem qualquer vinculação a escolhas.

Ao contrário desta narrativa direta, incisiva, clara, prefiro o texto sinuoso, misterioso, algo metafórico ou simbólico, mesmo considerando que Enrique Vila-Matas seja um grande escritor, da tradição dos melhores relatores. Tenho preferência pela narrativa indireta, aquela em que o autor conta, vislumbra, questiona, e nada diz. Faz surgir a imagem ao invés de nomear as coisas. Em *Um retrato do artista quando jovem*, James Joyce nunca diz que Dedalus está amando, está apaixonado. Assim. Dedalus e a namorada, apaixonados, sem que precise dizer objetivamente, como acontece com a moça. Ele cria uma imagem e isso passa com grande força e beleza. Eis a imagem:

“Ela estava sozinha e parada, contemplando o mar; e quando lhe sentiu a presença e o olhar maravilhado,

volveu até ele os olhos numa calma aceitação do seu deslumbramento, sem pejo nem luxúria. Muito, muito tempo aguentou ela aquela contemplação; e depois, calmamente, afastou os olhos dele e os abaixou para a correnteza, graciosamente enrugando a água com o pé, para lá e para cá.”

Toda um maravilha de texto, exemplar, que produz o amor, a paixão, sem que necessariamente diga isso. É o sentimento, é a sensação, e não um relato sobre dois apaixonados. E é isso o que vai impressionar o leitor para o resto da vida, o amor corporificado em imagens e visões.

Além disso, Vila-Matas usa a estratégia de trazer outras vozes contemporâneas para dentro do texto, realiza aquilo que, para muitos, é apenas intertextualidade. Pura repetição de fórmulas. Ricardo Piglia, outro grande criador, mostra que não é apenas intertextualidade, ou meras citações, há a necessidade de um coral que acompanha ou acrescenta a narrativa, enriquecendo-a, de forma vigorosa. Assim é que aparecem as vozes de Emily Dickinson, Rimbaud, Joyce, Yeats, entre outros. Não são citações; citações ocorrem nos ensaios, na obra literária de criação, são vozes.

INFANTIL

Autores violentos estreiam na literatura infantil

Dois autores conhecidos, o primeiro pela violência, o segundo pela obscenidade, estreiam na literatura infantil. Ferréz lança *O pote mágico*, ilustrado por Rodrigo Abrahim, pela Planeta. Glauco Mattoso publica *A predileta do poeta*, com imagens de Lourenço Mutarelli (também novato no gênero), pela Tordesilhinhas. Ferréz aposta num menino que faz de pedras e latas brinquedos. Glauco Mattoso busca inspiração na cadelinha que teve quando criança.

DIVERSIDADE

Celso Mesquita lança coletânea de poemas curtos nos quais navega entre o surrealismo e o hermetismo

Recife tem poetas que fogem do norte cabralino que tem orientado tantos outros. Um Severino Filgueira, um Almir Castro Barros e um Weydson Barros Leal constroem uma poesia que oscila entre o hermetismo, o surrealismo e até o *non sense*. É uma prova de diversidade estimulante, de autonomia, e da busca de uma voz própria que nunca é forçada nos verdadeiros poetas, mas sim,

uma necessidade. Dentro desta linha está Celso Mesquita, que lançou *A romã*, pela Livro Rápido, uma coletânea de poemas curtos. Um fragmento revela a beleza de seus versos: “Inicia-se sob o cantor solitário/ a manhã, o longo do dia, e os acidentes/ e a saudade de dois girassóis”. Ou ainda este verso com que encerra um outro poema: “Recife é rima de solidão”. Um livro para se guardar.

A Cepe - Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife - Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

Romance, o objeto de desejo editorial

Escritores e editores falam sobre (suposto) lugar central que o gênero ocupa hoje

Carol Almeida

Caminhando pelas ruas de Buenos Aires com os olhos virados para o chão, o jovem, “hétero, branco, abastado, tudo confabulando a seu favor”, Sebastián tenta projetar suas lembranças em uma ficção que lhe escapa constantemente pelas mãos e pelas janelas que ele insiste em preencher de significados. Ele foi a Buenos Aires para começar, mediar e terminar seu primeiro romance. No entanto, o vazio lhe sopra o rosto a cada esquina que cruza. “Por que esse impulso de roubar para o texto o que é da vida, de converter em ficção o que a ficção não comporta, por que quer brindar seu personagem ou o personagem de seu personagem com essa manifestação patente do voluptuoso acaso quando poderia guardar para si, e só para si, essa volúpia (?)”, questiona Sebastián, seu personagem, o personagem de seu personagem e, sobretudo, o autor de todos eles, Julián Fuks, no livro *Procura do romance* (editora Record).

Após o bem recebido livro de contos *Histórias de literatura e cegueira*, Fuks decidiu escrever seu primeiro romance sobre as dúvidas de um jovem escritor brasileiro a se indagar quanto aos caminhos que deveriam ter seu primeiro romance. Com isso, o (jovem) escritor brasileiro, filho de pais argentinos tal qual Sebastián, exercita não apenas uma metalinguagem, como termina por provocar não intencionalmente uma questão que ronda quase silenciosamente decisões de editoras e escritores que atuam no mercado literário brasileiro. Seriam os jovens escritores de hoje tomados pela inquietude de escrever obrigatoriamente um romance? Estaria esse mercado asfixiado pela imposição do romance como único gênero literário legítimo?

Se diz “quase” silenciosamente porque em um recente artigo publicado no jornal literário *Rasquinho*, sob o título de *Mercado complexado*, o crítico e também escritor Vinícius Jatobá decidiu colocar o dedo na ferida: “Existe um descompasso entre os interesses das editoras e aquilo que vocacionalmente o Brasil produz de melhor enquanto tradição em termos de literatura”, escreveu ele, afirmando com isso que o país menospreza sua tradição em contos e crônicas (e hoje escanteia por completo a poesia) em detrimento de uma necessidade premente de se publicar romances porque assim o mercado impõe. E porque assim, hipoteticamente – não há pesquisas quantitativas ou qualitativas sobre mercado literário no Brasil, – o público deseja.

Em entrevista ao **Pernambuco**, Jatobá sustenta seu argumento: “Sinto que existe, sim, uma pressão das editoras pelo romance e uma espécie de desconforto com o conto porque é difícil vendê-lo. E acho que tudo isso começa com aquela ideia do Mário de Andrade”, diz, referindo-se à célebre frase do poeta e romancista que certa vez afirmou, sem constrangimentos, que “conto é tudo o que o autor chamar de conto”. Jatobá contesta: “A verdade é que conto tem estrutura dramática e concentração poética próprias e não é qualquer coisa que se pode chamar conto”.

O escritor Fernando Monteiro, autor de romances premiados e bem recebidos pela crítica (*Aspades - Ets Ets* e *A cabeça no fundo do entulho* são alguns deles) fez uma observação semelhante à de Jatobá durante o 10º Festival Recifeense de Literatura, quando criticou em cena aberta romancistas de várias gerações. Convidado à provocação neste texto, ele cria um paralelo para a situação: “É aquela mesma pressão que um cineasta de curta-metragem sente quando alguém lhe diz que está na hora de fazer um longa. Quando as duas coisas

são completamente distintas. O curta tem uma linguagem sua, assim como um conto. Mas é aquela coisa, enquanto você faz curtas ainda está se preparando para um dia fazer cinema ‘meeesmo’.”

Sem discutir os desdobramentos comerciais do tópico, editores brasileiros garantem que essa estreita relação com o romance é tudo menos uma imposição de cima pra baixo. “De forma geral o romance é o gênero que mais atrai os leitores – e isso é um fenômeno secular e mundial. Para muita gente, a forma da literatura é a forma do romance, ou seja, ele seria o meio ideal para o contato com a literatura. Isso não é um fenômeno brasileiro, é algo mais ou menos difuso na consciência do leitor ocidental. Claro que outros gêneros, como o conto, poesia, ensaio, têm demanda e apreço, o que conta é a qualidade da realização. Mas de fato o romance parece contar com maior estima entre muitos leitores”, opina Leandro Sarmatz, um dos editores da Companhia das Letras.

“O público não especializado busca mais o romance. Isso não é só no Brasil, é mundial”, ratifica Marcelo Ferroni, um dos editores da Alfabeta. E se mostra otimista em relação ao atual desdobramento do gênero no País: “Acho que estamos prestes a ter um momento muito bom no romance nacional.”

Deduzimos assim que o debate poderia facilmente se arrefecer com a justificativa de que o romance é secularmente o gênero literário de mais prestígio e que, portanto, seria natural que ele fosse sempre prioridade entre as editoras. Mas o argumento ganha outros contornos a partir do momento em que essa primazia estilística se transforma em uma discreta imposição comercial a escritores que, vocacionalmente, estariam inclinados a escrever outros gêneros literários.

A se tomar um depoimento da editora Luciana Villas-Boas para a *Revista da Cultura*, em 2010, quando ainda era editora do grupo Record: “Considero um equívoco começar a carreira com livros de contos, ou poesia, ou crônica. Esses gêneros não têm público e os livreiros começam a associar o nome do autor a fracasso de vendas. Melhor publicar esses gêneros em outros veículos e investir tempo, pesquisa e estudo na construção de um romance.”

Não é preciso dizer que tanto Monteiro quanto Jatobá questionam esse raciocínio pelas questões artísticas que nele se encontram. “Chega até ser grosseiro raciocinar assim, mas imagino que comprar um romance hoje é deduzir que aquilo tem mais páginas e, portanto, mais pensamentos, mais personagens, é a lógica do pague um e leve dois”, provoca Monteiro, que vai mais além e afirma entender o romance hoje como uma “camisa de força” do comércio. “De uns anos pra cá o romance foi artificialmente açulado no Brasil”, acredita.

Açulado ou não, o fato é que é natural que os escritores se sintam impelidos (ou ao menos tentados) a começar a escrever pelo romance, como aconselharia Luciana Villas-Boas. Até porque em uma das pontas dessa cadeia existem as premiações, muitas delas generosas em seus troféus, porém quase todas negligentes no que diz respeito aos gêneros literários que não sejam romances. O Jabuti não tem categoria específica para o conto e a crônica e coloca ambos os gêneros debaixo do mesmo guarda-chuva. O mesmo acontece agora com o Portugal Telecom, que somente este ano se dividiu em três categorias (antes todos os gêneros concorriam entre si): romance, poesia e, claro, a dobradinha conto/crônica.

LIVRO DE CONTOS, QUERIA PORQUE QUERIA SER UM ROMANCE COM COMEÇO MEIO E FIM.



HALLINA BELTRÃO



CAPA

HALLINA BELTRÃO



“Sim, é natural que o prêmio valorize a obra premiada e, sendo ela um romance, isso é bom para o mercado”, afirma Adriana Ferrari, coordenadora do Prêmio São Paulo de Literatura, cujo único gênero contemplado é justamente ele, o romance. “Mas não sou da tribo de quem não lê romance não é um leitor. Seria o mesmo que dizer que quem não gosta de música clássica não gosta de música”, garante.

Para Fernando Monteiro, assim como para Jatobá, a compulsoriedade do romance ditada por todos esses mecanismos do mercado não é diagnóstico, e sim sintoma de um cenário maior, que diz respeito a uma quebra da íntima e intransferível relação do leitor com a literatura, uma relação que vai ficando cada vez mais longe no retrovisor, distância imposta pelas normas de mercado e por uma certa acomodação de todos os envolvidos nessa cadeia produtiva, dos leitores às editoras, passando pelos próprios escritores.

O PARADOXO DO ROMANCE

Antes de falar desse cenário, precisamos voltar a Sebastián. Ou ao que lhe deu nascimento. Aquilo que afligia Julián Fuks ao escrever *Procura do romance* não tinha nada que ver com debates comerciais, posto que o livro surgiu de uma contenda bem mais existencial: a da morte do próprio formato romance. Escrito paralelamente ao livro acima citado, a dissertação de mestrado de Fuks, chamada de *Juan José Saer e o paradoxo necessário* busca entender como que, diante de todas as questões que se desdobravam diante de um gênero que parecia haver esgotado todos os seus limites, com escritores como James Joyce e, depois, Samuel Beckett, ainda sobrevivia altivo e serelepe sendo “o” meio literário por excelência.

Na introdução, ele explica: “Seja porque o sujeito protagonista da modernidade (e, portanto, do romance) teve sua totalidade rompida e tornou-se

O Prêmio São Paulo de Literatura só premia romances. O Telecom não tem uma categoria voltada só a contos

mera aparência, ‘objeto de si mesmo’, ou porque sua existência se diluiu ‘na insubstancialidade do mundo em ruínas criado por ele próprio’ – ambas complexas ideias propostas por Lukács –; seja porque esse sujeito está fustigado por uma crise da experiência exemplar e da sabedoria que se transmitia de geração para geração, e tem como uma de suas características a incapacidade de reconhecer os episódios na passagem do tempo e de ‘intercambiar experiências’ – como quis Benjamin e ecoou mais recentemente Giorgio Agamben –; o caso é que pareceu ter-se tornado patente uma verdadeira impossibilidade de narrar, baseada em uma descrença em relação ao sentido e à função de tal ato.”

Acometido por essas questões, que em muito se esmiuçam nos dilemas do protagonista de seu romance, Fuks chega a algumas conclusões. Em nossa conversa, ele reafirma a existência do paradoxo ao qual se propôs estudar: “Se por um lado o

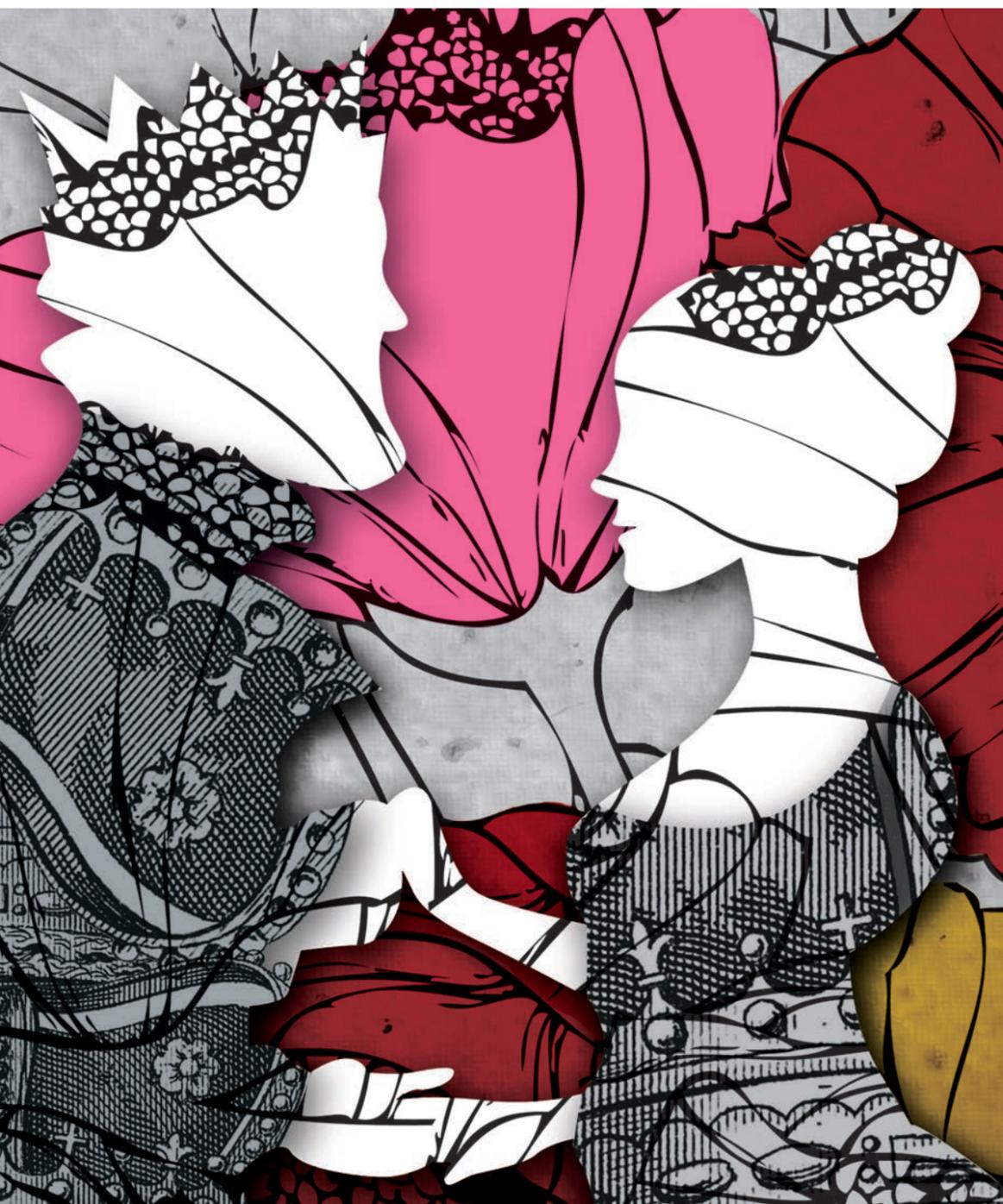
romance foi um dos gêneros que mais se deixou acometer por uma crise das artes, da literatura, da representação e do sujeito como um todo, ele foi um dos que mais se deixou transformar por isso. E beirando ele próprio a crise da forma do romance, manteve uma vitalidade mercadológica”.

Essa vitalidade pode ser lida hoje não mais como uma prerrogativa de escritores que atingiram uma maturidade do pensamento, mas também como resultado de uma demanda estipulada do mercado por romances (sic) *duela a quien duela*. A lembrar mais uma vez que não existem pesquisas que tracem o perfil do leitor brasileiro.

Mas Fuks, que concorre este ano ao Prêmio São Paulo de Literatura na categoria de autor estreante, afirma não ter se intimidado por tal panorama. “Não chego a me preocupar com a questão mercadológica, não escrevi um romance porque pensava que isso me daria mais projeção ou me permitiria vender mais exemplares. Mas realmente essa tensão excessiva da grande atenção que se dá aos romances acaba sendo uma provocação a todos os escritores brasileiros. E isso foi o que me interessou problematizar no *Procura do romance*, colocando um jovem (Sebastián) que sente uma necessidade de tanto inexplicável de escrever esse romance.”

O PARADOXO DO MERCADO

“Houve uma assimilação da literatura ao mundo pop rock. O escritor hoje tem que ter grandes audiências, tem que ser bonito e, sobretudo, jovem. O que é curiosamente um antimodelo do que sempre existiu na literatura, quando os escritores eram mais valorizados na velhice”, alfineta Fernando Monteiro, que, vale ressaltar, afirma não ter planos de voltar a escrever romances. “Enquanto esse mercado for dessa forma, eu não tenho lugar. Voltei para a causa abandonada da poesia porque todas as causas abandonadas me fascinam.”



Diante da provocação dessa “literatura pop rock”, voltamos então a discutir não apenas uma possível imposição do romance dentro do mercado nacional, mas, anterior a isso, a maneira como a literatura é colocada (ou retirada) agora no cotidiano dos leitores. “As pessoas hoje, quando pegam um livro, têm duas atitudes. Ou elas vestem um fraque, colocam óculos de grau, sentam em uma poltrona pesada e vão ler um romance sério, de um autor sério, num momento sério, ou o cara vai para a praia, coloca um chinelo e vai ler uma coisa vazia, que o distraia. E o mercado é um pouco vítima dessa fantasia da alta literatura”, pontua Jatobá.

Ainda segundo ele, essa bipolaridade da literatura ora totêmica, ora trivial, termina por colocar de lado questões mais importantes como o fato de que estaríamos perdendo aquele orgânico interesse pela narrativa literária (e por outro lado aumentando nosso apego a todos os outros tipos de narrativa), e a discussão da forma enquanto um meio de adequação à nova velocidade de se consumir a narrativa. Afinal de contas, parece ser contrassenso imaginar que, justo no momento em que o tempo e o silêncio se tornam bens escassos, contos e crônicas sejam tão acintosamente preteridos pelo mercado.

Fernando Monteiro questiona: “Por que poesia e conto não vendem? E é curioso pois nessa nova velocidade de vida que temos hoje seriam justamente esses os gêneros mais fáceis de serem vendidos”. Sobre a ausência de poesia, o escritor tem suas teorias: “A poesia exige que você decifre códigos. E ninguém está mais disposto a ir atrás do código.”

Ainda no mesmo tópico da relação tempo/texto, Jatobá vai além: “Se pergunta: ‘como é que o marketing vai vender o conto?’ E eu pergunto: ‘como é que o marketing vai vender literatura?’ E devolver a literatura às pessoas? Porque essa literatura está sendo sequestrada dos leitores pelo preço e por essa impostura.”

Leandro Sarmatz, da Companhia das Letras, pondera: “Há essa impressão, reforçada pelo íbipe do romance, que de fato um livro de contos é mais difícil de divulgar que uma narrativa longa. Mas depende do autor, do tratamento editorial dado ao livro, entre outros aspectos.” A lembrar que a Companhia das Letras é uma das poucas, entre as grandes editoras, hoje no Brasil a publicar poesia contemporânea nacional, tendo lançado livros de José Paulo Paes (*Poesia completa*), Paulo Henriques Britto (*Formas do nada*), Armando Freitas Filho (*Lar*), Francisco Alvim (*O metro nenhum*), Ana Martim Marques (*Da arte das armadilhas*), Eucanaã Ferraz (*Sentimental*), entre outros.

Algumas soluções simples já foram dadas por ainda esparsas iniciativas que viabilizam a distribuição maior não apenas dos contos, como dos textos curtos de uma forma geral. Em abril deste ano, a Penguin-Companhia das Letras começou a vender ensaios como *Antropofagia*, de Caetano Veloso, e *100 aforismos sobre amor e a morte*, de Friedrich Nietzsche, por preços que iam de R\$ 7,50 a R\$ 10,90 no formato de e-books. No fim de 2011, a Editora 34 vendeu, separadamente, textos da *Antologia do conto russo*. O preço unitário do conto variava de R\$ 0,99 a R\$ 2,99.

“Quando a gente pensa em literatura, pensa em estruturas um pouco necrosadas, como o livro. Eu sou um entusiasta do livro. Mas acho que você podia vender brochuras com contos individuais a R\$ 1. O conto poderia chegar aos leitores por PDF ou por textos para celular”, sugere Jatobá. Soluções como essa, ainda pouco convencionais para o mercado, ajudariam a resolver, em sua opinião, não apenas a questão dos contos ou mesmo crônicas, como seriam um pontapé para se discutir o verdadeiro problema do mercado: “Acho que as editoras teriam agora que sentar, conversar e se perguntar: ‘vamos devolver a literatura para a vida das pessoas?’ E o conto poderia ser o começo desse trabalho.”

Onde estão a loucura e a inquietação

Raimundo Carrero

O romance sempre me pareceu um território vasto, onde se trava uma incessante luta das paixões humanas, sendo o coração o campo de batalha. Não importa se é sob a influência de Dostoiévski ou de Kafka, ou de Flaubert, de Cervantes ou de Hemingway, de Tolstói, ferido pela voz de Pedro, O grande, ou pela maravilhosa insanidade de Dom Quixote, ou pelo riso severo, sempre severo, de Pirandello.

Aí estão todas as loucuras e toda a terrível inquietação do ser. Sempre quis mergulhar neste mundo infinito. Desde menino, desde que meus olhos bateram na magia das palavras escritas, senti, assim, uma atração irresistível pelo romance. Sem contar com o mundo que se mostrava a minha volta, povoado de miseráveis e de bêbados, por pessoas destruídas pela fome e pela desgraça ainda muito cedo. Nesse sentido, parecia que em mim se realizou aquilo que Marguerite Duras escreveu em *O amante*, “muito cedo, a vida ficou tarde demais para mim”.

Poderia ter escolhido o teatro, pois as minhas primeiras leituras foram não só de autores clássicos, Ibsen e Bernard Shaw, por exemplo, mas também de autores extremamente medíocres, sobretudo do teatro brasileiro do começo do século 20, Juracy, Paulo e Raimundo Magalhães, influenciados pelo teatro dramático português ou pelo *vaudeville* francês de qualidade sempre duvidosa.

Ao lado deles havia os romances de Graciliano Ramos, Zé Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Erico Verissimo, sem falar das pobres traduções das décadas de 1940 e 1950. Mas os contos eram poucos, bem poucos. Talvez uma ou outra Enciclopédia. E imagino que isso foi fundamental para a escolha do romance. Sempre o romance ou a novela.

É claro que o romance me oferece toda a vastidão das complexas relações humanas através dos personagens em constante quedas e glórias, passando pelas imensas reflexões que levam o homem ao abismo e ao Paraíso. Claro que assim poderia ser também com o conto, mas prefiro sempre a aguda profundidade do romance, com idas e vindas, com o louco desespero, o prazer e a festa da condição humana.

Devo dizer, ainda, que não concordo com aqueles que enxergam no conto a difícil tarefa de ver no conto um espaço muito curto, que acentua e angustia o trabalho do escritor. Trata-se de pura ingenuidade. Em todo papel em branco está a miséria e também a força da criação.

Mesmo assim, o conto nunca foi um gênero da minha preferência. Apesar de *As sombrias ruínas da alma*, com que ganhei o prêmio Jabuti-2000. São contos que escrevi ao longo da minha vida literária, desde a publicação do meu primeiro romance, *A história de Bernarda Soledade* (1975), criados, por assim dizer, como exercícios de criação de personagens e de histórias. O mercado não parece absorver os contos com grande facilidade, ouço que os editores preferem os romances ou as novelas, ainda que sejam curtas. Escrevo-os, quase sempre, para atender a solicitações feitas por jornais e por revistas, sempre com o maior empenho e dedicação, mais um artesão do que um narrador, pura e simplesmente. Convencido de que ali preciso ajustar as contas com meu destino de escritor.

MEMÓRIA

O homem que dissolveu a realidade

Reedições reposicionam importância de Philip K. Dick na ficção científica

Ronaldo Bressane

ANOS
ESCREVENDO
SUA
PRÓPRIA
HISTÓRIA.

MORREU
SEM
SABER
O
FINAL.



Ele pode não ter inventado o futuro, mas certamente vislumbrou boa parte da realidade a que assistimos hoje – em especial, no cinema. Nada menos do que 20 produções foram inspiradas em romances ou histórias curtas de Philip Kindred Dick, ou PKD, como o chamam os iniciados na literatura deste que é cada vez mais considerado o mais influente escritor de ficção científica do século 21 nascido no século 20. Mas e Isaac Asimov, Arthur C. Clarke, Ray Bradbury, Stanislaw Lem, William Gibson? Como esses autores – todos dezenas de vezes adaptados ao cinema –, K. Dick não se satisfaz com os limites que muitas vezes travam a ficção científica em clichês de viagens espaciais, robzinhos, teletransporte, *gadgets* milagrosos etc. Seus livros falam de metafísica, estados alterados de percepção, busca por identidade, confronto entre sagrado e profano, e, acima de tudo – nada mais contemporâneo – o conflito entre o real e o virtual. Em todos os seus livros paira a serpenteante frase do próprio PKD: “Realidade é aquela coisa que, quando você para de acreditar nela, continua lá”.

O norte-americano de Chicago (1928–1982) foi festejado por autores tão diversos quanto o filósofo francês Jean Baudrillard, os escritores Roberto Bolaño e Ricardo Piglia, os cineastas David Cronenberg, David Fincher e Spike Jonze e a banda novaiorquina Sonic Youth (cujo álbum *Sister* é inspirado em sua vida). Sua vasta influência espalha-se da neurociência à filosofia; dentro da ficção científica, ecos de K. Dick podem ser ouvidos no *cyberpunk*, subgênero cujo expoente é William Gibson (autor de *Neuromancer*, que deu origem à trilogia *Matrix*), pela ficção especulativa, subgênero pós-apocalíptico que aproxima o futuro da realidade contemporânea, como nos livros de Margaret Atwood, e pela *weird fiction*, que transita entre o futurista, o horror e a fantasia, cuja estrela é China Miéville – que, ao terminar *Os três estigmas de Palmer Eldritch*, disse a si mesmo: “É isso. Acabou. A literatura acabou”.

Palmer Eldritch é um dos livros que a editora Aleph recoloca em circulação em uma coleção agraciada com o belo design criado pelo paulistano Pedro Inoue, diretor de arte da revista canadense *Adbusters*. Escrito em dois meses de 1964, ano em que o ácido lisérgico ainda podia ser comprado em farmácias, o que deu liga para K. Dick escrever *Palmer Eldritch* não foi a ingestão de micropontos conforme dedurava a crítica da época (“o primeiro romance sobre LSD”) e sim a leitura da famosa experiência de Aldous Huxley com mesalina descrita em *As portas da percepção*. Apesar – ou por causa – das vivências com drogas, no fim da vida PKD era radicalmente contra seu uso, por ter perdido muitos amigos para o vício, a doença ou a morte (conforme relata no posfácio de *O homem duplo*, romance que inspirou o filme homônimo, de Richard Linklater). Talvez o mais adequado seja apontar *Palmer Eldritch* como o primeiro romance a combinar realidades virtuais, religiões monoteístas e alucinações motivadas por uso de psicoativos – alertando, de modo visionário, como corporações e governos “democráticos” podem, de cara limpa, manipular o acesso às drogas para controlar a economia e a sociedade.

No pacote da Aleph está também *Realidades adaptadas*, reunião de vários contos que inspiraram filmes como *O vingador do futuro* (recém adaptado ao cinema com Colin Farrell como protagonista), *Minority report* e *O pagamento* (a editora negocia uma reedição de *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*, romance que deu origem ao filme *Caçador de andróides*, de Ridley Scott). *Fluam, minhas lágrimas, disse o policial* (já editado aqui pela Brasiliense, sob o título *Identidade perdida*) é a aterrorizante história de um astro pop planetário que um dia acorda totalmente anônimo, como se jamais tivesse existido: nem mesmo sua amante o reconhece. *Ubik*, uma comédia metafísica, é ambientado em um mundo em que os mortos são mantidos por seus parentes em uma “meia-vida”, e podem conversar com eles – até que



“Realidade é aquela coisa que, quando você para de acreditar nela, continua lá”, já bem definiu o escritor

um acidente faz um desses mortos carregar pedaços do presente para o passado. Por fim, a leva traz o livro de PKD favorito de Jorge Luís Borges, um romance não exatamente de ficção científica: *O homem do castelo alto*. A premissa é que os EUA perderam a Segunda Guerra para o Eixo e foram fatiados entre Alemanha e Japão. Mas, lendo o I-Ching, o misterioso homem do castelo alto percebe que esta é uma realidade alternativa, e que a realidade verdadeira mora em outro lugar... Mesma sensação que se tem ao finalizar qualquer narrativa de PKD: a impressão do mundo se desmanchando sob nossos pés conforme avançamos na leitura. Todas as suas obras têm em comum lógica alucinatória e humor negro; realidades alternativas podem ser vendidas, individualidades podem ser erodidas, e a questão do que é humano redefine-se à medida em que o virtual se torna o real – e a noção de divindade pode surgir de um produto prosaico ou de uma droga de uso massivo.

MULHERES, DROGAS E MUITOS LIVROS

PKD nasceu em Chicago em 1928, em um parto prematuro complicado por conta da doença renal da mãe, em que sua irmã gêmea morreu. O escritor sempre relatará sentir o fantasma da irmã como o conflito que o levará a sentir-se incompleto, ou, pior, tendo sua identidade trocada com outro indivíduo. Era uma criança tímida, imersa em livros – e que às vezes tinha visões de paz e felicidade, a que mais tarde nomeará pelo termo budista *satori*. Aos 10 anos, criava o primeiro fanzine de quadrinhos; aos 15, escrevia o primeiro romance; aos 19, começava a se tratar com um terapeuta jungiano; aos 22, já morando na Califórnia, se casava pela segunda vez; vivia em extrema pobreza – chegou a comer carne de cavalo para sobreviver –; aos 23, escrevia o primeiro livro, o angustiante *Vozes da rua*, só publicado em 2007 (saiu por aqui pela Rocco). Publicaria o primeiro romance, *Loteria solar*, em 1955, início de sua produção desenfreada como escritor de ficção científica, que abrangerá cerca de 44 romances e 121 contos. Nessa época se iniciava nas anfetaminas, que aceleravam sua produção em maratonas criativas com dias inteiros de duração.

Em 1962, “quando achei um caminho de fazer tudo o que queria como escritor, pulando o hiato entre o *mainstream*, o experimental e a ficção científica”, publicou *O homem do castelo alto*; o livro lhe deu o primeiro Hugo Awards, mais importante prêmio de ficção científica. Em 1964, depois de visões devastadoras em que via um rosto humano no céu, escreveu *Os três estigmas de Palmer Eldritch*; no mesmo ano experimentou LSD pela primeira vez. Foi uma *bad trip*: Dick viu Deus como uma “furiosa massa autoritária clamando por vingança”. Em 1966, publica três livros e escreve quatro outros – entre eles, *Ubik* e *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*. Em 1969, recebe uma ligação de

Timothy Leary, que estava no famoso *Bed-In* com Yoko Ono e John Lennon – este havia lido *Palmer Eldritch* e disse a Dick que estava louco para filmar o livro. Ao mesmo tempo, seu quinto casamento (já tinha duas filhas) entrava em crise, bem como seus rins, deplorados pelo uso frenético de ritalina e anfetaminas. *Fluam, minhas lágrimas* foi escrito em 1970, motivado por uma experiência de “radiante amor” durante o uso de mescalina – nessa época sua casa havia se tornado um condomínio de hippies, ciclistas e drogados muito semelhante ao ambiente retratado em *O homem duplo* – que escreveria em 1973, quando, depois de uma tentativa de suicídio, entrou em uma clínica de reabilitação.

O ano de 1974 foi marcado por uma série de visões perturbadoras, iniciadas após arrancar um dente do siso – na anestesia para a cirurgia, havia tomado pentotal. Perturbado pela “visão do raio rosa”, escreveu um texto de oito mil páginas chamado *Exegese*; a visão teria salvo a vida de seu filho mais novo – uma voz teria lhe soprado que o garoto recém-nascido tinha uma doença ainda não detectada pelos médicos, e ele pôde ser operado a tempo (Robert Crumb quadrinizou o episódio em *A experiência religiosa de Philip K. Dick*). Em 1975 se abria seu reconhecimento popular: a *Rolling Stone* publicou um longo perfil em que era chamado de “mais brilhante escritor de ficção científica em qualquer planeta”. Deprimido por não ter mais acesso às revelações místicas, terminava a *Exegese* em 1980; mas, no ano seguinte, começaria a ter seguidas visitas de Ridley Scott, o diretor de *Caçador de andróides*, produção que Dick encarava de maneira ora desdenhosa ora feliz. Não chegaria a ver a película. Morreu de um AVC seguido de parada cardíaca em 2 de março, em Santa Ana, Califórnia, dois meses antes da estreia do filme que tornaria Philip K. Dick uma lenda da ficção científica.

PERFIL

Austro-Costa se “criou” para o Recife

Na sua coleção *Letra Pernambucana*, Cepe relança nosso dândi maior

Paulo Gustavo



Austro-Costa (1899-1953), menino pobre da cidade de Limoeiro (Agreste Setentrional de Pernambuco), e de precoce talento literário, trocou na adolescência a cidade natal pelo Recife. E tomou logo uma providência prática e estética para cuidar de sua imagem pessoal: detonou (não sem razão, achava-o horrível) o nome próprio de batismo – Austriclínio Ferreira Quirino –, mudando-o pelo pseudônimo com que passaria à história literária de Pernambuco.

Autodidata, logo se viu imerso na imprensa recifense, na qual faria carreira jogando em várias posições: revisor, repórter, colunista social e, – conforme o costume da época – se ocultando (e, por isso mesmo, aparecendo) sob inúmeros pseudônimos, alguns deles recorrentes e fixos segundo as circunstâncias exigissem. Hoje os pesquisadores, ao se depararem, nos velhos jornais, com “personagens” como Alcedo Tryste, Chrispim Fialho, Fra-Diávoilo, João da Rua Nova, João Quaremista, João-do-Moka, Silvio d’Almeida, Tybaldo d’Alcação e Tritão, mal se dão conta, em alguns casos, de que são encarnações do mesmo autor.

CANTADOR E HOMEM DE LETRAS

Austro-Costa era (como Gregório de Matos para o crítico Nelson Werneck Sodré) um “misto de cantador e de homem de letras”, pois, paralelamente à encarnação romântica, havia nele uma faceta de humorista e satírico, de um poeta que explorava bem o coloquial e a circunstância, como se constata na longa série de sonetos *De monóculo*. Além disso, tornou-se, como escreveu num de seus mais famosos poemas – *Capibaribe, meu rio* –, o “irmão” do Capibaribe. Em seus versos, o Recife é “A cidade”. A intimidade autorizava-o a dizer apenas “A cidade”. O Recife de então é a sua atmosfera, o grande pano de fundo sem o qual muitas vezes empalidece a sua musa. Ela está implícita ou explicitamente referida nos próprios versos ou em títulos de poemas como estes: *Coisas do burgo*; *Moças de São José*; *A dor – Sobre a cidade adormecida*; e em tantos outros. Na cidade, solteiro até os 48 anos, morou nas

pensões do centro e, no palco da Rua Nova, quando jovem, exibia seu dandismo e misturava-se ao *footing* (o passeio elegante de então).

AO ALCANCE DA MÃO

A presença frequente nos jornais e nas revistas da época – não só periódicos do Recife, como de outras cidades de Pernambuco e do Nordeste – cria para o poeta uma fama regional e, o que é mais importante para um autor, um público; no seu caso, um público sobretudo feminino e ainda – não custa ressaltar – muito distante da liberação sexual que viria com o meado do século, nos turbulentos anos 1960. Dedicatórias, crônicas em prosa poética, poemas de circunstâncias as mais variadas (inclusive nos famosos álbuns das moças em flor) dão-nos a prova de como Austro e os poetas de sua época interagiam com os leitores. No seu caso, que apenas publicou dois livros em vida – *Mulheres e rosas* (1922) e *Vida e sonho* (1945) –, essa interação resultou numa tão fecunda quanto dispersa produção poética. Com sua constante presença em revistas e jornais, Austro estava por assim dizer “on-line” e sempre ao alcance da mão e dos olhos do seu leitor. À excentricidade e à verve humorística, unia uma sociabilidade que o tornou uma figura querida e desejada em salões, recitais e eventos do gênero.

O CRONISTA REVISITADO

O Recife do poeta, “Embora situado na periferia do sistema econômico capitalista mundial, destacava-se nos cenários nacional e regional como centro hegemônico do então chamado Norte Agrário ou região açucareira do Norte do Brasil. (...) Culturalmente, a década 1920 (...) foi marcada por conflitos e tensões entre o velho e o novo, entre a tradição e a modernidade. As grandes tendências culturais, estéticas, políticas, científicas e filosóficas, que agitavam o mundo das artes, da cultura e das ciências nos âmbitos nacional e internacional, traduziram-se então, num surto inovador, em Regionalismo e Modernismo.” É o que observa

KARINA FREITAS



Tanto a capital pernambucana é refletida em sua poesia, que seus textos são estudados por historiadores

a historiadora social Rita de Cássia Araújo, em seu texto introdutório de *Austro-Costa em revista*, inventário realizado pelas bibliotecárias Lúcia Gaspar e Virgínia Barbosa, da Fundação Joaquim Nabuco, sobre a presença do autor nos periódicos da época.

O Recife de Austro foi a cidade dos bondes, das melindrosas do *footing*, dos arrabaldes (palavra muito da época) distantes (Poço da Panela, Apipucos, Dois Irmãos, Várzea...), da Rua Nova ainda como principal artéria da capital. Uma cidade também de intensos confrontos políticos e de publicações como *A Pílhéria*, *Pra Você*, *Revista da Cidade* e *Rua Nova*.

Tanto o Recife de então se reflete na poética de Austro-Costa que ele, já em nossos tempos, também passou a ser citado no campo dos historiadores e dos estudos sociais, como aqui e ali flagramos em dissertações e teses de doutorado. Pois também é fato que o escritor, sem deixar de ser poeta, foi um privilegiado cronista do seu tempo social. Personagens, costumes, eventos, paisagens e lugares frequentam seus versos,

viram matéria-prima para o riso e a ironia ou, muitas vezes, para cenário das penas de um amor conflituoso ou incompreendido. Não admira que, em certa sintonia com a juventude da época, seus poemas tenham encontrado, nessa faixa etária do seu público, uma importante caixa de ressonância.

SONETO E EPICURO NA CABEÇA

Hoje é como se da obra de Austro-Costa apenas tivéssemos o que a voragem do tempo não subtraiu à memória: a ponta de um iceberg que se desfez. O que se entrevê no fio da posteridade – salvo que foi entrevisto por amigos, pesquisadores e admiradores – mostra-nos um *virtuoso* do verso, capaz de transitar com fluência em várias formas fixas, das quais o soneto foi a sua grande paixão. Nada melhor como emblema dessa fidelidade ao soneto do que ver a fotografia em que seu cão *fox terrier*, justamente chamado Soneto, coroa, com sua pata dianteira, a calvície do poeta já cinquentão, dessa vez no pele de um pacato marido e dono de casa e, portanto, longe das excentricidades e dos ardores da juventude.

Há sonetos austro-costanos que se tornaram célebres, a exemplo de *Último porto*, *Jardineiro louco*, *Salomé toda de verde*, *Tartufo-mor*. Por outro lado, tendo aderido momentaneamente ao Modernismo à paulista, introduzido em Pernambuco por Joaquim Inojosa, também se deixou levar pelo verso livre, mas um verso livre que aqui e ali trai a cadência de redondilhas, de decassílabos e de alexandrinos.

POR DELICADEZA

Segundo costumava dizer sua viúva e minha tia, Helena Lins, muito do que se perdeu nas páginas do passado se deveu ao próprio Austro. É que, indiferente à glória póstuma e, ao mesmo tempo, devoto de Dionísio e de Epicuro, o poeta era um adepto do princípio de prazer e do curtir a vida. Prazer dionísíaco que algumas vezes fez com que torrasse todo o modesto salário de jornalista comprando um caríssimo perfume para a musa

do dia. Prazer e sensualidade que aqui e ali irrompem na sua face satírica e mesmo na sua musa romântica ou de amor cortês: “As tuas formas redondas / vão pela praia a ondular. / Eu prefiro as tuas ondas / às ondas todas do mar”. Prazer do chiste, do qual não escapou a própria Academia Pernambucana de Letras, que viria a acolhê-lo em 1949. Convalescente de uma enfermidade, e tendo sido eleito pela primeira vez para tornar-se “imortal”, disparou num poema: “Quanto a mim, se não morrer, / vou entrar para a Academia / e isso é pior do que morrer!”.

Morrer mesmo o poeta só morreria em 1953 num dos primeiros acidentes de ônibus do Recife. O veículo perdeu o freio na Rua da União. Austro viajava em pé, pois gentilmente havia cedido seu lugar a uma dama. Distraído, lia um livro. Morreu talvez por descuido e decerto, como logo se observou, por delicadeza!, como se seguisse literalmente o famoso verso de Rimbaud (*Por delicadeza, perdi minha vida*). No dia seguinte, a cidade, em choque com o sequestro daquela morte estúpida, sepultou, entre lágrimas, discursos e tristes manchetes de jornal, o poeta que agora ressuscita para as novas gerações em oportuna edição da Cepe – coletânea que reúne seus dois livros publicados em vida e uma seleção dos sonetos satíricos organizada pelo crítico Fábio Andrade, que também assina expressivo estudo introdutório.

Leia poemas do autor no site www.suplementopernambuco.com.br

O LIVRO



Mulheres e rosas, Vida e sonho, De monóculo
 Editora Cepe
 Páginas 252
 Preço R\$ 15,00

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



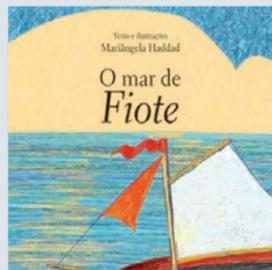
Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

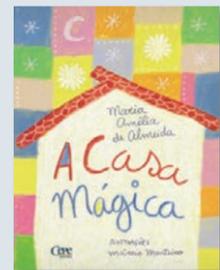
R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817, O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

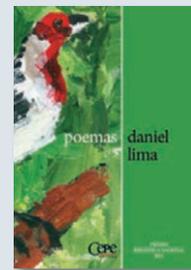
R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

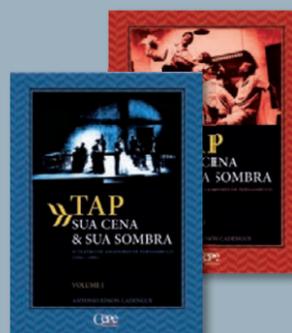
R\$ 90,00



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século, o Padre Daniel produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora, os amigos venceram sua resistência em publicar os versos e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

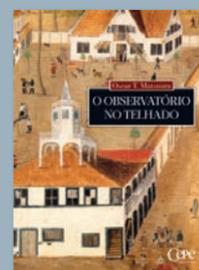
R\$ 45,00



TAP: SUA CENA & SUA SOMBRA
Antonio Edson Cadengue

Antonio Cadengue, que estudou o Teatro de Amadores de Pernambuco por 10 anos, mostra seus momentos mais significativos, assim como as excursões feitas em diversas cidades e capitais brasileiras e as suas principais montagens.

R\$ 90,00
(box com 2 volumes)



O OBSERVATÓRIO NO TELHADO
Oscar T. Matsuura

Resultado de anos de estudo sobre a vida e obra de Jorge Marcgrave, o livro faz parte da comemoração do 4º centenário de nascimento do principal responsável por grandes estudos astronômicos e cartográficos em Pernambuco.

R\$ 25,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Dez poemas de Alejandra Pizarnik

Seleção e tradução: Lucila Nogueira

Para Janes Joplin (fragmentos)

A cantar docemente e a morrer logo.
não:
a gritar.

Assim como dorme a cigana de Rousseau.
assim cantas, mas as lições do terror.

Há que chorar até quebrar-se
para criar ou dizer uma pequena canção,
gritar tanto para cobrir as feridas da ausência
isso você fez, eu também.
eu me pergunto se isso não aumentou o erro.

Fizeste bem em morrer.
por isso te falo,
por isso eu me confio a uma menina monstruosa.

Falando contigo

a H. M.

estou apavorada.
a mim sobreveio o que eu mais temia.
não estou em dificuldades:
estou em não poder mais.

não abandonei o vazio e o deserto.
vivo em perigo.

teu canto não me ajuda
cada vez mais ameaças
mais nervos
mais sombras negras.

Cantora noturna

Joe, macht die Musik von damals nacht...
A Olga Orozco

Aquela que morreu por causa do seu vestido azul
está cantando. Canta na plenitude da morte ao
sol da sua embriaguez. Por dentro de sua canção
há um vestido azul, há um cavalo branco, há um
coração verde tatuado com os ecos das batidas de
seu morto coração. Exposta a todas as perdições,
ela canta junto a uma menina perdida que é ela
mesma: seu amuleto da boa sorte. E apesar da
névoa verde nos lábios e do frio cinza nos olhos,
sua voz corrói a distância que se abre entre a sede
e a mão que busca o copo, Ela canta.

INÉDITOS

Dez poemas de Alejandra Pizarnik

Seleção e tradução: Lucila Nogueira

(...) do silêncio

...está todo en algún idioma que no conozco...
L.C. (A través del espejo)

Sinto o mundo chorar como língua estrangeira.
Cecília Meireles

Il s jouent la pièce en étranger.
Michaux

...alguien mató algo.
L. Carroll (A través del espejo)

I

Esta boneca vestida de azul é minha emissária
no mundo.
Seus olhos são de órfã quando chove em um
laguinho onde o pássaro lilás devora lilases e um
pássaro rosa devora rosas.

Tenho medo do lobo cinza que se dissimula na
chuva
O que se vê, o que se vai, é invisível.
As palavras fecham todas as portas.

Recordo o tempo sobre os álamos queridos.
O arcaísmo do meu drama determinou, em
minha criatura dividida, uma câmara letal.
Eu era o impossível e também o desgarramento
pelo impossível.

Oh a cor infernal das minhas paixões
Sem dúvida, fiquei cativa da antiga ternura

II

Não há quem pinte com cores verdes.
Tudo é alaranjado.
Se eu sou algo sou violência.
As cores raiam o silêncio e criam animais
deteriorados. Logo alguém vai tentar escrever
um poema. E será mediante as formas, as cores,
o desamor, a lucidez (não continuo porque não
quero assustar as crianças).

III

O poema é espaço e fere. Não sou como minha
boneca, que só se nutre de leite de pássaro.

Memória de sua voz na manhã funesta velada
por um sol que reverbera nos olhos das
tartarugas.

O da sua voz é uma lembrança que me faz perder
o conhecimento frente a esta conjunção celeste e
verde de mar e céu.

Eu preparo minha morte.

Moradas

Dedicado a Théodore Fraenkel

na mão crispada de um morto,
na memória de um morto,
na tristeza de um menino,
na mão que busca o vaso,
no copo inalcançável,
na sede de sempre.

Sombra dos dias que virão

A Ivonne A. Bordelois

Amanhã
Me vestirão com cinzas da madrugada,
Me encherão a boca de flores.
Aprenderei a dormir
Na memória de um muro,
Na respiração
De um animal que sonha.

Poema para Emily Dickinson

Do outro lado da noite
a espera seu nome,
seu dissimulado desejo de viver
do outro lado da noite!

Algo chora no ar
os sonhos desenham a madrugada.

Ela pensa na eternidade

Caroline de Gunderode

En nostalgique je vagabondais par l'infini
C. e G.

A mão da enamorada do vento
acaricia o rosto do ausente.
A alucinada por sua "maleta de pele de pássaro"
foge de si mesma com a faca na memória.
A que foi devorada pelo espelho
entra em um cofre de cinzas
e vem apaziguar as bestas do esquecimento.

a Enrique Molina

A um poema sobre a água, de Silvina Ocampo

*A Silvina y a la condesa de Tripoli
que emana toda la noche profecías*
O. Paz

Teu modo de silenciar-te no poema
me abres como a uma flor
(sem dúvida uma flor pobre, lamentável)
que já não esperava a terrível delicadeza
da primavera. Me abres, me abro,
me envolvo de água em teu poema de água.
Que emana toda noite profecias.

Olhos primitivos

A cor infernal de algumas paixões, uma antiga ternura. Os faltos de algo, de todo, ao sol negro de seus desejos elementais, excessivos, não cumpridos.

Alguém canta uma canção da cor do nascimento: pelo estribilho para a outra com sua coroa prateada. Jogam-me pedras. Eu já não olho nunca o imperioso dos campos. Sempre viva lá no fundo há uma rainha morta.

RESENHAS

JANIO SANTOS SOBRE REPRODUÇÕES



Para além do que pode dizer um “simples” livro

Coletânea do *Rascunho* reúne depoimentos de alguns dos grandes autores do País

Schneider Carpegiani

Há uma década, mantemos uma relação de amor e ódio, mas nunca de indiferença com o *Rascunho*, o jornal literário curitibano que se prestou a colocar sal, polêmica e afeto num universo de muitas (e de muitas vezes ensaiadas) cordialidades. Idealizado pelo jornalista Rogério Pereira, o *Rascunho* tem cumprido o papel (o ingrato papel) de ser combativo, combativo como a própria literatura precisa ser. Além disso, ele tem realizado a tarefa de compilar, a cada nova edição, grandes entrevistas com os principais autores brasileiros (até junho deste ano foram 171 conversas com 153 nomes diferentes). Com organização de Luís Henrique Pellanda (colaborador frequente do *Pernambuco*), a Arquipélago Editorial acaba de lançar o segundo volume de *As melhores entrevistas do rascunho*.

O time não poderia ser melhor: Adriana

Lunardi, Afonso Romano de Sant’Anna, Ariano Suassuna, Carlos Heitor Cony, Joca Reiners Terron, Marçal Aquino, Marcelo Backes, Miguel Sanches Neto, Raimundo Carrero, Rodrigo Lacerda, Ronaldo Correia de Brito, Ruy Castro, Sérgio Rodrigues, Silviano Santiago e Vilma Arêas. Nessas conversas, temos confissões que revelam o temperamento dos autores e, por extensão, o “humor” dos seus escritos. “Sou uma pessoa que com 80 anos de idade continuo animoso. Não vou dizer a você que sou uma pessoa alegre, porque acho que alegria não é uma palavra que expressa bem a atitude de ninguém diante do mundo, a não ser que haja certa dose de irresponsabilidade. É antes uma paixão pela vida e um encanto pelas pessoas. Eu gosto de gente. Não sou amargo, apesar de saber que a vida tem

coisas muito duras. Mas, se olhássemos com amargura, a morte já seria suficiente, já que o fundamento da vida é trágico”, observa um Ariano provando o quanto sua vitalidade é realista.

Com uma entrevista intitulada *Sertão neurótico*, Ronaldo Correia de Brito esmiuça a geografia que, ainda por subtração, persegue sua obra de forma lumina: “O sertão é uma invenção pessoal de cada escritor. José de Alencar criou um sertão romântico no livro *O sertanejo* (...). Pode parecer brincadeira, mas reconheci o meu sertão num bairro de imigrantes africanos em Paris com a mesma nitidez que numa cidade do interior do Nordeste do Brasil. Jorge Luis Borges encontrou o oriente na Espanha e não o encontrou em Israel. O sertão está em toda parte, é infinito”.

Vale ressaltar que não é difícil encontrarmos autores que se negam ou realizam a tarefa de ser

entrevistados de forma reticente. Afirmam que tudo está já dito na obra. O que é uma falácia, obviamente. Uma obra literária nunca diz tudo. Ou melhor: não tem de dizer tudo, são as entrelinhas que, de fato, importam. E uma entrevista, quando bem conduzida, pode ser uma obra de arte por si só.



ENTREVISTAS

AS MELHORES ENTREVISTAS DO RASCUNHO

Organizador - Luís Henrique Pellanda

Editora - Arquipélago Editorial

Preço - R\$ 39,00

Páginas - 288

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

ESPETÁCULO

Tema da Fliporto 2012 remete ao universo de Nelson Rodrigues, homenageado da festa

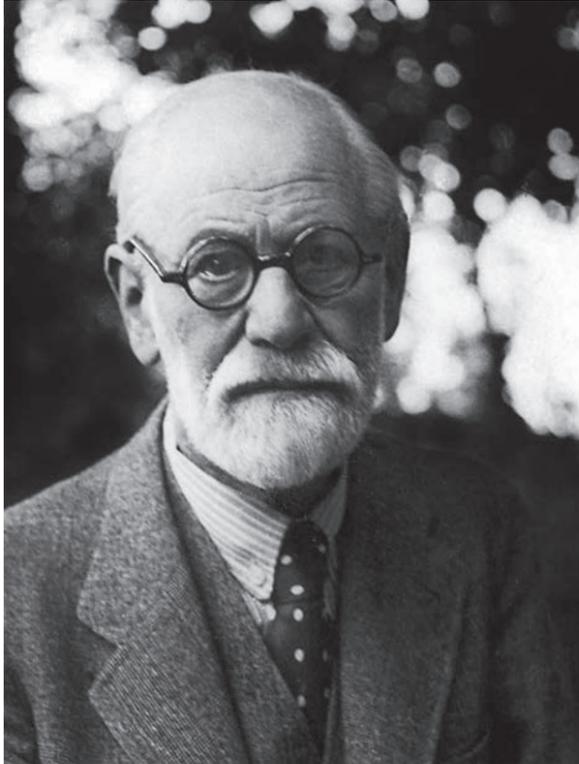
Não podia ser mais apropriado. O tema da 8ª Festa Literária Internacional de Pernambuco, *A vida é um espetáculo*, remete diretamente ao universo do homenageado de 2012, o escritor pernambucano radicado no Rio de Janeiro Nelson Rodrigues, que estaria completando 100 anos. De 15 a 18 de novembro, Olinda será palco de várias homenagens ao dramaturgo que revolucionou

o teatro brasileiro com a peça *Vestido de noiva* (foto), em 1943, em que se mesclam três planos de ação: a vida atual da personagem, suas memórias e suas alucinações enquanto está morrendo. Nelson consagrou-se também com *Álbum de família*, *Beijo no asfalto*, *Toda nudez será castigada*, entre outras peças em que critica a hipocrisia da moral burguesa. Os textos poderão ser encontrados na feira de livros.

REPRODUÇÃO



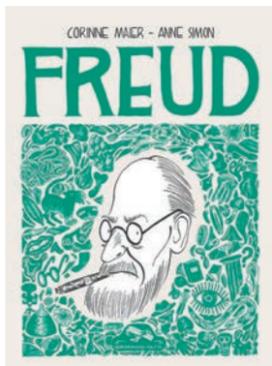
REPRODUÇÃO



O “Pai” em quadrinhos

Há pouco, a Editora Companhia das Letras lançou nova (e econômica) edição da biografia definitiva que Peter Gay realizou de Sigmund Freud (1856-1939). Mais que um texto exclusivamente sobre a vida de um homem, o biógrafo, talvez o especialista da época vitoriana, nos presenteou com uma vasta pesquisa sobre a história cultural da crise que a modernidade viveu na virada entre os séculos 19 e 20, quando as certezas e conquistas racionalistas passaram a ser fortemente questionadas. Bem menos ambicioso que este projeto, a dupla francesa Corinne Maier (texto) e Anne Simon (ilustrações) resolveu cair de cabeça numa empreitada curiosa: retomar os passos do autor a partir de uma *graphic novel* de forte impacto visual, que cobre os grandes feitos freudianos. Estão aqui tratadas questões

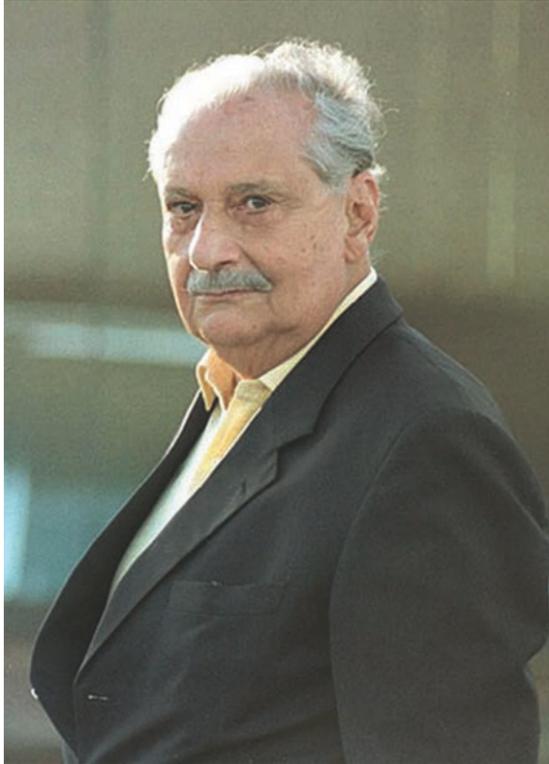
como a interpretação dos sonhos, neuroses e fobias. No entanto, a abordagem é leve e, algumas vezes, bastante bem-humorada. Digamos que a *graphic novel* Freud é uma espécie de história da psicanálise para iniciantes que não estão muito interessados em se tornarem grandes iniciados. **(S.C.)**



QUADRINHOS

FREUD
Autoras - Corinne Maier (texto) e Anne Simon (ilustrações)
Editora - Companhia das Letras
Preço - a definir
Páginas - 56

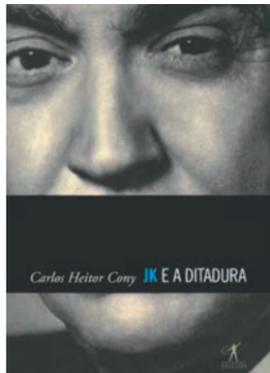
DIVULGAÇÃO



Não diga adeus ainda

Memórias não são necessariamente romances, mas devem ser enriquecidas pela qualidade literária do autor, sobretudo quando ele se chama Carlos Heitor Cony, com profunda experiência neste campo, onde o relator substitui, com vantagens, o narrador. Cony é autor de um texto instigante, preciso, correto e belo, ressaltando, sobretudo, os personagens históricos da política brasileira em *JK e a ditadura*, remontando à atmosfera e à ambientação de importante período nacional de profundas mudanças sociais e econômicas. Numa entrevista recente, afirmou que esse seria a sua despedida definitiva da literatura. Não é a primeira vez que afirmou tal coisa: nos anos 1970 também decidira deixar a ficção para se dedicar ao jornalismo.

Anos depois, voltou com o elogiado *best-seller Quase memória*. O começo da sua “nova despedida” mostra a elegância da sua narrativa: “31 de janeiro de 1961 – ‘... infelizmente ainda estamos na América Latina’. A 10 mil metros de altura, cruzando o Atlântico”. Que a despedida (outra vez) não seja definitiva. **(Raimundo Carrero)**



ROMANCE

JK e a ditadura
Autores - Vários
Editora - Boitempo e Carta Maior
Preço - R\$ 10,00
Páginas - 88

PRATELEIRA

OLHO D'ÁGUA – O CAMINHO DOS SONHOS

Vencedor do 8º Concurso FNLIF Tamoios de Textos de Escritores Indígenas. O autor pertence ao povo Maraguá, de origem Aruak, do Baixo Amazonas. O livro resgata costumes e tradições anteriores ao contato com os brancos, que trouxe devastação, doenças e descaracterização, e levanta questões sobre a responsabilidade com a preservação da natureza. As ilustrações são do pernambucano Walter Moreira Santos.



Autor: Rony Wasiry Guará
Editora: Autêntica
Páginas: 32
Preço: R\$ 29,00

BRANCA DE NEVE TEM QUE MORRER

Sucesso na Alemanha, a história policial apresenta os detetives Oliver Von Bodenstein e Pia Kirshhof, que tentam decifrar o enigma da morte de uma mulher, cujo filho, onze anos, foi acusado e preso pelo desaparecimento da filha do principal suspeito. Passado e presente se misturam, e as testemunhas fazem um pacto de silêncio, dificultando a investigação, que se transforma numa corrida contra o tempo.



Autora: Nele Neuhaus
Editora: Jangada
Páginas: 472
Preço: R\$ 48,90

CONSCIÊNCIA E LIBERDADE EM SARTRE

Os temas da moral e do existencialismo no filósofo Jean-Paul Sartre são analisados pelo autor, estudante de filosofia, que, a partir de extensa pesquisa sobre os conceitos fundamentais do pensador francês, aos poucos revela sua trajetória, voltada às questões éticas e políticas. Moura elabora uma reflexão acerca da ética e da moral, e defende que o pensamento moral é o foco central da obra sartriana.



Autor: Carlos Eduardo Moura
Editora: Ufscar
Páginas: 233
Preço: R\$ 37,00

O ATLAS DO AMOR

Leitura leve, do tipo que rende um bom filme para a sessão da tarde. A premiada autora mostra como a vida atribulada de três garotas que frequentam a faculdade fica ainda mais tumultuada depois que uma delas engravida e é abandonada pelo namorado. As amigas organizam uma rotina de estudos, trabalho e cuidados com o bebê, esforçando-se para formar uma família, e têm de lidar com situações complicadas.



Autora: Laurie Frankel
Editora: Paralela/Cia. das Letras
Páginas: 240
Preço: R\$ 29,90

REVISTA

ArtFliporto tem novo número em novembro

Uma das novidades da festa, que se amplia a cada ano, é a circulação da revista de cultura e de ensaios *ArtFliporto*, vendida em bancas e livrarias, que em breve contará também com uma edição digital. Editada pelo jornalista Schneider Carpeggiani (também editor do **Pernambuco**), com direção de arte de Karina Freitas e fotos de Chico Ludemir. O segundo número da publicação será lançado durante a festa.

MAKING OF

Como foi pensada a vida do anjo pornográfico

Estudiosos da obra de Nelson Rodrigues, ou simples apreciadores do seu estilo, não podem perder o painel *Nelson Rodrigues - o anjo pornográfico: bastidores da escrita do livro* com Ruy Castro, Heloisa Seixas e Geneton Moraes Neto. A ideia é que Ruy Castro detalhe as dificuldades que enfrentou ao escrever o livro que ajudou a reerguer a figura de Nelson no cenário cultural brasileiro.

RÁDIO E TV

Acervo disponível para amantes da literatura

A grande sacada deste ano da Fliporto é, sem dúvida, a disponibilização do acervo de imagens e sons da feira, por meio da Rádio e da TV Fliporto. As palestras, transmitidas ao vivo pelo portal, terão as filmagens convertidas em arquivos MP3, oferecidos pela rádio aos visitantes. Um sistema de *i-frames* permitirá inserir o acervo fonográfico da feira em sites e blogs.

CRÔNICA

Carlos Henrique Schroeder

KARINA FREITAS



Beckett e meu opa

Durante vários anos, na minha infância, passei o natal na casa de minha Oma e do meu Opa (descendentes de alemães e holandeses usam os hipocorísticos afetivos “opa” para vovô e “oma” para vovó) em Braço do Trombudo, uma pequena cidade de Santa Catarina. A casa, bem grande, acolhia praticamente todo o clã Schroeder, e durante alguns dias se tornava um reino encantado (para nós, crianças, já para os adultos talvez o nome adequado fosse Faixa de Gaza). A árvore de natal era sempre frondosa, muito bem ornada, mas o mais interessante estava ao seu lado, ao menos para mim: a grande estante de livros, feita de madeira maciça, que abrigava coleções completas de grandes escritores mundiais. Uma das coleções que mais me fascinava era a dos ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: de capa dura, e com a lombada impressa em letras douradas. E numa noite dessas de natal, o jovem Schroeder, com seus dez ou onze anos de idade, após filar e beber escondido uma taça de champanhe, abriu a porta de vidro da estante, e pegou um exemplar da coleção do Nobel. Era o livro do vencedor de 1969, do irlandês Samuel Beckett. Dei uma rápida folheada e vi que a obra apresentava os pormenores da atribuição

do prêmio, uma breve biografia e dois textos, o romance *Malone morre* e a peça *Dias felizes*. Lembro ainda, no pantanoso terreno da memória, que achei engraçado o sentido antagônico dos dois títulos: morre e felizes.

– Opa, este livro é legal?

Ele apenas sorriu, fitando o livro, tomou mais um gole em sua taça e retomou a conversa com meu tio. Nunca entendi porque não respondeu, se é que escutou minha pergunta, afinal, a noite de natal é sempre esquisita, carregada de euforia num primeiro momento, e de melancolia no segundo. O fato é que devolvi o livro à estante e voltei a me enturmar com meus primos. Alguns dias depois, peguei o livro novamente na estante, mas para servir de apoio para uma caderneta, onde rascunhei a caneta meu primeiro texto literário (se é que aquilo poderia ser chamado de literário, pois com onze anos se tem muito cabelo e poucas ideias), um conto sobre um soldado na guerra do Vietnã. Minha Oma (Uta Holetz Schroeder, poliglota, descendente de holandeses e alemães, fã de Flaubert, faleceu na década de 1990), heroica, leu e teceu elogios que não entendi, mas foi a generosidade (coisa rara no campo literário) e o incentivo dela

que me fizeram querer ser um escritor (ela sempre foi uma ouvinte atenta, e fingia que acreditava nas mentiras que eu sempre inventava). E meu Opa, Heinz Schroeder, achava divertido o fato de eu sempre carregar dois lápis e falar sozinho, e um dia soltou: “E estes seus monólogos, hein jovem Beckett, vão te levar para onde?”. Naquele dia planejei o roubo do livro do Beckett, que não deu certo (a história toda renderia uma dezena de crônicas), e com o fim das férias tive que me despedir da estante sagrada. Mas eis que o destino me reencontrou com Beckett na adolescência, pois quando meu Opa resolveu repartir seus livros, o Beckett ficou com minha tia Eunice (até hoje, minha leitora mais fiel), que me repassou imediatamente. E foi lendo *Malone morre* (e depois os outros dois da trilogia *Molloy*) que minha adolescência foi por água abaixo, e ao invés de andar atrás das saias, como meus amigos faziam, ficava trancado no quarto lendo coisas tristes e tocando punhetas intermináveis. Mas eu era feliz, e como. Morria com o Malone, criava com o Malone, que também estava confinado num quarto (mas ele descrevia seu intento de fazer da ficção a companhia ideal durante a

agonia de seu “parto para a morte”). Malone distraía-se ao inventar personagens e histórias sobre os quais não exercia domínio, assim como eu (no meu caso, por inexperiência). “Onde agora? Quando agora? Quem agora?” Aquele foi meu primeiro contato com uma narrativa convulsionada, que tinha “a expressão de que não há nada a expressar, nada com que se expressar, nada a partir do que expressar, nenhuma possibilidade de expressar, nenhum desejo de expressar, aliada à obrigação de expressar”.

Tudo isso ainda ecoa em minha memória, como uma música ao longe. Sai de Braço do Trombudo há muitos anos, morei em muitos lugares. Beckett afirmou que não há como fugir das horas e dos dias, nem de amanhã e nem de ontem. Minha Oma foi levada pelo câncer, numa batalha cruel e injusta, meu Opa se digladiava diariamente com dois cânceres, e em breve passará a existir apenas na memória daqueles que o conheceram. Restarão imagens, como estas que descrevi acima, restará Beckett, e Uta e Heinz, enquanto existir memória. Meu encontro com o passado chegou, e como já prescreveu Marcel Proust, “certas recordações são como amigas comuns, sabem fazer reconciliações.”